

## Rio de Janeiro: paradigma da beleza e do caos<sup>1</sup>

*Luiz Fernando Janot*

Professor de Arquitetura e Urbanismo |FAU | UFRJ. Membro do Comitê Organizador do 27º Congresso Mundial de Arquitetos – UIA2020RIO e articulista Jornal O Globo.

Contato: lfjanot@gmail.com

### RESUMO

Ao longo da história, as cidades incorporaram ao seu contexto urbano uma influência expressiva das correntes migratórias. Entre as cidades brasileiras, o Rio foi quem melhor refletiu a miscigenação racial e cultural ao acolher migrantes estrangeiros e de outros estados em busca de trabalho. A falta de recursos da classe operária levou a ocuparem morros, margens de rios e outras áreas devolutas da cidade para erguer sua moradia. Viver em comunidades desprovidas de urbanização e de saneamento básico revela o desprezo do poder público em relação às camadas mais pobres da população. Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre essa e outras questões relacionadas ao desenvolvimento urbano do Rio para nivelar a qualidade de vida na cidade.

Palavras-chave: migrações, cidades, Rio de Janeiro, ocupação urbana, informalidade

### ABSTRACT

Throughout history, cities have incorporated into their urban context a significant influence of migratory currents. Among Brazilian cities, Rio best reflected racial and cultural miscegenation in welcoming foreign migrants from other states in search of work. The lack of working-class resources led her to occupy hills, river banks, and other vacant areas of the city to raise her dwelling. Living in communities without urbanization and basic sanitation reveals the contempt of the public power towards the poorest sections of the population. This article aims to reflect on this and other issues related to urban development in Rio to level the quality of life in the city.

Key-Words: migrations, cities, Rio de Janeiro, urban occupation, informality

## CONCEITOS REVISITADOS

As cidades não são abstrações, elas reproduzem as sociedades estratificadas em seu território ao longo da história. A apreciação de uma cidade torna-se nebulosa se nos restringirmos a avaliar exclusivamente a sua condição espacial. Para melhor compreender as transformações ocorridas nas cidades é necessário inseri-las no contexto em que foram realizadas.

Desde os tempos remotos, as cidades tendem a incorporar ao seu processo de evolução urbana uma considerável influência das correntes migratórias que atuaram em seu território. A história está repleta de exemplos que comprovam como a participação dos imigrantes foi relevante para os processos de transformação urbana e adaptação de padrões arquitetônicos.

Entre as cidades brasileiras foi o Rio quem mais incorporou eventos relevantes em nossa história. De capital da colônia portuguesa acolheu o império lusitano com a chegada da corte ao Brasil. Após a independência se tornou sede do império brasileiro até ser a capital da República. Durante esse longo período o Rio foi o principal porto brasileiro a receber escravos provenientes do continente africano.

Tais circunstâncias contribuíram inegavelmente para promover na sociedade carioca uma extraordinária miscigenação racial. Mesmo depois de a cidade virar capital da República a migração nunca deixou de existir. Estrangeiros de diversas procedências chegavam ao Rio, atraídos pelas ofertas de trabalho. Moradores de outros estados também migravam para a cidade em busca de melhores condições de vida.

Com a consolidação da sociedade industrial ocorreu uma expressiva migração populacional do campo para a cidade e a cidade começou efetivamente a se transformar. A industrialização começava a movimentar a economia nacional e a gerar bens de consumo para os diferentes extratos sociais. O objetivo era alcançar toda a sociedade, mas, na verdade, tal intento não foi alcançado. A classe operária, mal remunera-

rada e envolvida com dificuldades financeiras, não conseguia ter acesso às benesses da industrialização.

A falta de recursos para adquirir a moradia em áreas urbanizadas, fez com que as camadas mais pobres da população adotassem como alternativa a ocupação informal de morros, margens de rios e outras áreas devolutas na periferia da cidade. Atualmente, cerca de um quinto da população carioca vive precariamente nessas localidades.

Morar em comunidades desprovidas de urbanização, de saneamento básico, de coleta de lixo, de condições de mobilidade, de espaços para recreação, entre outras tantas carências, não é tarefa fácil para ninguém. E ainda por cima estão sujeitas à ditadura imposta por traficantes ou milicianos.

A ausência do Estado nessas aglomerações urbanas informais, além de negar o direito constitucional de todo indivíduo, revela o desprezo do poder público em relação às camadas mais pobres da população. Trata-se de uma questão que atravessa anos sem que se encontre uma solução compatível para resolver esse grave problema.

A construção de conjuntos habitacionais nas periferias distantes não passa de um jogo perverso destinado a contemplar interesses específicos de diversas naturezas. Com o passar do tempo, essas edificações, em geral de má qualidade, acabam se deteriorando e se transformando em guetos de pobreza encravados na cidade. É preciso encontrar meios factíveis para reverter esse quadro de injustiça social o quanto antes.

Refletir e interagir diante desses e de outros aspectos que interferem na formação dos espaços urbanos das nossas cidades, corrigindo rumos e estabelecendo metas em benefício da população, pode ser a forma mais adequada de formular propostas e atuar de forma coerente com a realidade brasileira e do mundo contemporâneo.

### PRECONCEITO DISFARÇADO

A cultura hegemônica do capitalismo globalizado apresenta uma contrapartida indesejável para aqueles que não alcançam o sucesso econômico e social por ela tão propalado. No limite inferior da escala de valores estabelecida encontra-se um contingente de miseráveis que vivem à margem da sociedade, em condições precárias e sem meios de garantir sua própria sobrevivência.

São camadas da população que configuram a faceta cruel de um modelo econômico que não contempla paritariamente os seus cidadãos com os recursos e oportunidades disponibilizados para a sociedade. Era de se esperar que em regimes democráticos as benesses do capitalismo não ficassem restritas exclusivamente aos indivíduos que possuem recursos financeiros para usufruí-las.

Tal percepção indica que há uma aceitação incondicional das condições impostas pela economia globalizada e que, por extensão, tendem a interferir no comportamento humano e no cotidiano das diversas sociedades. Ao se colocar a cidadania e a dignidade humana em um plano secundário, abre-se o caminho para a iniquidade e a anomia prevalecer no contexto das nossas cidades.

O geógrafo Milton Santos, ao especular sobre esse tema perguntava, provocativamente, quantos habitantes no Brasil são de fato cidadãos e quantos nem sabem que não o são. Como resposta afirmava que se o espaço urbano for deixado ao livre jogo do mercado, ele tenderá a consagrar desigualdades e a constituir espaços sem cidadãos. Para ele, o grande desafio da sociedade brasileira está em encontrar meios que valorizem a cidadania<sup>2</sup>.

De uns tempos para cá, a cultura hedonista vem associando a felicidade humana à prática consumista desvairada. Além de satisfazer o próprio ego, o consumo desperta nos indivíduos uma sensação de prazer e estabelece um círculo vicioso que envolve o consumo e a aquisição do produto. Essa dependência passou a interferir negativamente no comportamento das pes-

soas que não possuem meios para realizar os desejos provocados pelas sedutoras campanhas publicitárias. Nessa perspectiva, as desigualdades sociais ficam mais explícitas e passam a constituir um quadro dramático no contexto urbano das cidades. Apesar de não se poder atribuir exclusivamente ao aspecto financeiro a responsabilidade por esses dramas sociais, é inegável que ele exerce um papel relevante para acirrar os ânimos e os contrastes sociais. A violência urbana nas cidades brasileiras confirma essa percepção.

Mesmo que de forma indireta existe uma relação promíscua entre a acumulação do capital financeiro e o mercado da ilegalidade. A corrupção endêmica que se apossou da nossa sociedade está de certo modo associada a essa engrenagem.

Os corruptos de colarinho branco e os criminosos sem eira nem beira costumam agir de modos semelhantes. Altera-se apenas a forma como se dá a prática criminosa.

### REFLEXÕES NECESSÁRIAS

As cidades não são representadas unicamente por seus espaços naturais e edificados. Elas são, sobretudo, referências da existência humana e como tal não podem ser apreciadas apenas por sua materialidade. Ambiência urbana e urbanidade são componentes indissociáveis da vida nas cidades e como tal precisam ser compreendidas e resgatadas para estimular as boas relações de convivência social.

Em seu livro “As cidades invisíveis” o escritor italiano Ítalo Calvino afirma que o inferno dos vivos, se existe, é aquele que está aqui e que ajudamos a criar nos ambientes onde ocorre a vida cotidiana. Para escapar desse inferno muitas pessoas se sujeitam a conviver com ele até não mais percebê-lo. Outras, porém, tentam identificar quem e o que no meio desse inferno não é verdadeiramente inferno e, assim, melhor compreender os verdadeiros significados da cidade<sup>3</sup>.

Essa parábola demonstra que em uma cidade como o Rio de Janeiro não se pode considerar inferno tudo

aquilo que causa estranheza. Para evitar avaliações preconceituosas e precipitadas é necessário observar e refletir cautelosamente sobre o que se supõe ser ou não ser verdadeiramente um inferno na própria cidade.

Recentemente, a população carioca voltou a assistir com extrema perplexidade o crescimento vertiginoso da violência em seus espaços públicos. Na medida em que essa situação se agrava, aumenta a procura por espaços privados de uso coletivo que ofereçam maior segurança e conforto.

Dessa forma, se estabelece uma condição urbana que vem contribuindo gradativamente para o esvaziamento, desvalorização e degradação dos espaços públicos.

Configurou-se, desse modo, um círculo vicioso onde a ordem da desordem prevalece e o distanciamento entre classes sociais se amplia. No vácuo desse conflito, surgem, de um lado, os condomínios residenciais fechados protegidos por cercas, guaritas e seguranças particulares, e, de outro, as favelas e os loteamentos irregulares com suas barreiras reais e simbólicas, visíveis e invisíveis, a configurarem modelos distintos de exclusão social.

Acreditamos que a gradativa desconstrução dos conceitos que sustentam a formação desses enclaves urbanos possa ser uma forma eficiente de contribuir para o resgate da cidadania no Rio de Janeiro. Este talvez seja o caminho mais curto para recuperar a urbanidade perdida e a imagem de cidade agregadora e democrática. É preciso mostrar que o Rio não vive apenas do seu passado glorioso, mas, sobretudo, da alegria e da solidariedade coletiva em seus espaços urbanos.

### SAÍDAS IMAGINADAS

Se no início o destino dos que deixavam o Rio por não suportar a violência era Miami, hoje a bola da vez é Portugal. Por menor que seja o fluxo contínuo das pessoas que deixam atualmente a cidade, não dá pra continuar assistindo esse êxodo de braços cruza-

dos. A imagem negativa que decorre dessa atitude demonstra que o Rio está passando por um processo descontrolado de decadência e de esvaziamento sintomático de novos empreendimentos.

Só há um jeito de desestimular as pessoas que estão deixando a cidade e as que sonham em deixá-la algum dia. A proposta consiste em promover ações para conter o avanço da criminalidade e recuperar paralelamente a confiança perdida nas representações políticas e empresariais. Hoje, infelizmente, uma boa parte dos nossos políticos e empresários está comprometida pelas práticas delituosas e pela corrupção deslavada que assolou o país.

Em meio ao tiroteio ideológico que marca atualmente a política brasileira, vemos, de um lado, um desgastado comportamento ideológico em defesa de medidas inócuas para reverter a violência atual, e, de outro, os arautos do mercado que se recusam a reconhecer o Estado como mediador de políticas de interesse da sociedade.

Enquanto no exterior se investe pesado na valorização dos ambientes urbanos, no Brasil despreza-se essa tradição. O que mais encontramos em nossas cidades são espaços urbanos deteriorados e relegados ao abandono. Infelizmente, ainda persiste entre as nossas autoridades governamentais e a própria população, um desconhecimento primário da importância que os espaços públicos desempenham para a valorização da cidade.

Quando não se oferece uma urbanização qualificada e condições de segurança que permita às pessoas circularem pela cidade sem sobressaltos a qualquer hora do dia e da noite, a probabilidade de degradação dos espaços públicos aumenta consideravelmente. O estado de decadência da maioria das nossas áreas centrais reflete a gravidade deste problema.

Como contrapartida, há que se recorrer a políticas urbanas capazes de alavancar um desenvolvimento sustentável e duradouro para a cidade e, simultaneamente, atrair novos investimentos. O primeiro passo

é requalificar espacialmente as ruas, praças, parques e jardins de modo a resgatar condições propícias para o convívio social nos espaços públicos.

Infelizmente a perspectiva de construir uma sociedade mais justa e equânime parece cada vez distante. A matriz de desenvolvimento global consagrada como dogma pela ampla maioria das nações dificulta contestações dessa natureza. Apesar de as recentes conquistas tecnológicas mostrarem avanços significativos para a humanidade, são poucas as pessoas que conseguem ter acesso a tais benesses.

A concentração de capital nas mãos de poucos direciona os investimentos para os seus interesses exclusivos e de grupos financeiros espalhados pelo mundo afora. Vivemos um modelo econômico que condena legiões de jovens ao desemprego; que exclui idosos do mercado de trabalho; que impõe aposentadorias aviltantes aos trabalhadores; que despreza os que vivem na miséria; e que confina as camadas mais pobres da população em periferias e favelas desprovidas de recursos essenciais.

O Rio, depois de um curto período de aparente tranquilidade, voltou a viver, em maior escala, os conhecidos dramas decorrentes da violência urbana. Os conflitos armados entre facções do narcotráfico e a polícia deixaram rastros de terror nas comunidades faveladas e nas suas imediações. Como se não bastasse a luta para conter essa barbárie, a população carioca voltou a se sentir refém da onda de assaltos que acontece em toda a cidade.

Para reverter esse quadro desolador precisamos ter a convicção de que o caminho a ser trilhado deverá estar livre dos radicalismos de ocasião que alimentam ódios, violência e segregação de diversas espécies. As próximas eleições poderão significar uma oportunidade singular para reavivar o debate democrático e recuperar a dignidade perdida nos últimos anos. Não podemos perder a esperança de voltar a ver Rio admirado por todos.

#### Notas de fim:

1. Homenagem aos compositores de “Rio 40 graus”: Fernanda Abreu / Fausto Fawcett / Laufer.
2. Santos, Milton. “O espaço do cidadão” – São Paulo: Nobel, 1993 (p.07/43).
3. Calvino, Ítalo. “As cidades invisíveis” – São Paulo: Companhia das letras, 1990 (p.150).